

NATIVIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DE ACENTO OXÍTONO EM PORTUGUÊS*

GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO**

ANA LÍVIA DOS SANTOS AGOSTINHO***

RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar se houve manutenção de acento oxítono na nativização de palavras de origem estrangeira, baseando-se em um *corpus* formado por 10.494 palavras com acento final (ou oxítonas) no português. Mostraremos que há uma tendência em manter o acento da língua-fonte. As línguas-fontes investigadas nesta pesquisa são o latim, o ‘tupi’, o francês, o árabe, o iorubá, o inglês, o espanhol, o grego e o cancani. Também discutiremos a qualidade do elemento final da oxítona (se vogal, *glide* ou consoante) e o século de entrada no português.

PALAVRAS-CHAVE: acento final, português, fonologia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um desdobramento da nossa pesquisa (AGOSTINHO e ARAUJO, 2007) cujos objetivos eram os seguintes: (i) determinar a origem das palavras oxítonas e verificar a porcentagem de termos latinos e de outras línguas em geral, como africanismos e indigenismos; (ii) investigar a data de entrada na língua e, caso a origem da oxítona seja estrangeira, estabelecer uma relação entre entrada na língua e produtividade e (iii) descrever a qualidade do elemento final da oxítona e verificar se isso representava algum papel na atribuição do acento final.

Neste artigo examinaremos os padrões específicos das oxítonas, levando em conta os elementos finais comparados com o elemento final na língua de origem. Investigaremos também se houve manutenção

* Este texto é um resultado parcial do projeto de pesquisa 2006/03038-5 financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo.

E-mail: g.antunes@usp.br

*** Pós-graduanda em Filologia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo.

E-mail: ana.agostinho@yahoo.com

de acento, ou seja, se uma palavra oxítônica no português corresponde a uma palavra oxítônica na língua de origem ou se alterou o padrão de acento. Esta investigação limitar-se-á a nove línguas, a saber, o latim, o ‘tupi’,¹ o francês, o árabe, o iorubá, o inglês, espanhol, o grego e o concani, pois essas línguas-fontes contribuíram com o maior número de palavras oxítônicas no português.

1 OXÍTONAS NO PORTUGUÊS

A motivação para este nosso trabalho surgiu a partir de uma passagem de um trabalho inédito de Sandalo (1999, p. 1), no qual a autora sugere que “o grande número de oxítônicas [no português] não se pode explicar como sendo casos de empréstimos em sua maioria”. No entanto, como demonstrado em nossa pesquisa de 2007, cerca de 80% das palavras nominativas oxítônicas do português são empréstimos e, portanto, contradizem a hipótese de Sandalo. O termo empréstimo, como definido em (1), é atribuído a uma palavra introduzida na língua-alvo (L1) por falantes nativos que têm acesso à língua-fonte (*emprestadora* ou L2) na sua forma oral ou escrita. A nativização ou adaptação da palavra de origem estrangeira é regida por padrões linguísticos da língua receptora (adaptado de PARADIS AND LABEL, 1994).

- (1) ‘Empréstimo’: uma palavra simples ou composta (ou uma sentença) oriunda de uma língua ‘emprestadora’ (L2), incorporada ao discurso da língua receptora (L1).

O *corpus* consolidado formado por todas as palavras com acento lexical final no *Dicionário Houaiss* (HOUAISS e VILLAR 2001) empregado em nossa pesquisa de 2007 será o mesmo utilizado neste trabalho. Embora saibamos da existência de palavras oxítônicas que não estão dicionarizadas e, ao mesmo tempo, de palavras dicionarizadas de origem literária ou de nomenclatura técnico-científica, e, por isso, de uso raro, preferimos manter o *corpus* dicionarizado por se tratar de um conjunto consistente de dados e pelo fato de o *Dicionário Houaiss* (DH) ser amplamente acessível. Por mais raras ou excepcionais que sejam, as palavras do dicionário pertencem a um determinado registro da linguagem e são válidas para o nosso propósito que consiste em

analisar a ocorrência das palavras com acento final no português. Dada a natureza deste trabalho, a informação etimológica do DH também nos é fundamental.

Com o auxílio da ferramenta computacional MatLab, que nos proporcionou o acesso à lista de palavras original do programa do DH, foi possível elaborar uma lista com todas as palavras oxítonas com mais de duas sílabas do DH, a qual denominamos lista expandida. Essa lista expandida contém 37.591 palavras, incluindo todas as entradas múltiplas contidas no DH. A partir dessa lista, a classificação dos verbetes e sua posterior separação foram efetuadas manualmente. No *corpus*, consideramos a natureza da sílaba final (isto é, se terminada em vogal, consoante ou *glide*), a qualidade das vogais e das consoantes finais. A partir da lista, as oxítonas foram transcritas foneticamente, levando-se em conta o dialeto paulistano e foram classificadas as línguas que deram origem ao termo oxítono português, no caso dos empréstimos.

A partir da lista expandida, construímos a lista-base. Para a formação da lista-base, foram retirados da lista expandida todos os verbos, pois são todos oxítonos no DH, por aparecerem em sua forma infinitiva; todas as palavras ‘transparentes’ formadas a partir de composição ou derivação de algum termo existente no português, oxítonas que ortograficamente possuem hífen (como, por exemplo, *saci-pererê*, uma vez que o hífen acarretaria na repetição da palavra oxítona, pois *pererê* já está listado como oxítona) e as pseudo-oxítonas ou oxítonas ortográficas, como, por exemplo, *farad*, realizada foneticamente como [fa.'ra.dʒɪ], portanto foneticamente paroxítona. Todas as palavras oxítonas que não apresentavam etimologia descrita no DH foram também mantidas na lista-base, pois não há como definir se a palavra é resultado de derivação ou composição sem conhecer sua etimologia. A palavra *aragonês*, por exemplo, é proveniente da palavra em espanhol *aragonés*, na qual é possível identificar a presença do sufixo derivacional para gentílicos, porém a palavra *aragão* não existe no DH como forma simples.

No nosso estudo de 2007 apresentamos análises estatísticas a partir do *corpus* formado pela lista-base, o elemento final das oxítonas no português, o século de entrada da palavra, a frequência web e uma catalogação das línguas de origem. Os resultados da análise da etimologia das palavras oxítonas, destacando a origem etimológica, o

número absoluto de entradas e o valor relativo das quinze línguas² mais representativas no *corpus* pode ser esquematizado da seguinte forma:

TABELA 1 - LÍNGUAS MAIS REPRESENTATIVAS DA LISTA-BASE

ORIGEM	NÚMERO ABSOLUTO DE PALAVRAS OXÍTONAS NO DH	PORCENTAGEM EM RELAÇÃO AO TOTAL DE 10.494 PALAVRAS
latim	1.774	16,9%
‘tupi’	1.558	14,9%
francês	583	5,6%
árabe, iorubá	207	2,0%
português ³	190	2,0%
inglês	188	1,8%
‘origem indígena’ ⁴	157	1,5%
espanhol	140	1,3%
grego	87	0,8%
concani	78	0,7%
‘africanismo’ ⁵	74	0,7%
quimbundo	70	0,7%
italiano	65	0,6%
malaio	58	0,6%

A partir da análise do elemento final das oxítonas, verificamos que as vogais aparecem em 50% das oxítonas, ou seja, 5.273 palavras. As vogais nasalizadas, como elemento final, aparecem em 12% dos dados, ou seja, 1.225 palavras. Analisando as vogais de maneira mais detalhada, pudemos verificar que as vogais que ocorrem com maior frequência (como elemento final nas oxítonas) são o [i] em 25% dos casos, ou 1.273 palavras; [a] com 24%, ou 1.255 palavras, e [u] com 22%, ou 1.162 palavras, enquanto as vogais [ɛ] com 11%, ou 596 palavras, [ɔ] com 8%, ou 445 palavras, e [e] com 7%, ou 368 palavras, são as menos frequentes. A vogal média-baixa [o], com apenas 175 ocorrências, é a menos frequente de todas as vogais. Já os *glides* [w] e [j] aparecem

em 26% e as consoantes em 12% das palavras, quantidade igual à das vogais nasalizadas. As consoantes [m], [l] e [z] foram desconsideradas, pois, em todos os casos, não ocorrem como elementos fonéticos da coda quando a palavra é pronunciada isoladamente, apesar de se manifestarem na ortografia do português. No caso de [m], foneticamente tem-se a nasalização da vogal e o desaparecimento da consoante; no segundo, a consoante é pronunciada como o *glide* [w] e, no terceiro, a consoante [z] é pronunciada como a consoante [s] isoladamente. Desse modo, consideramos somente as consoantes /R/ e [s]. Verificamos que o /R/ aparece em 71% dos dados, sendo mais frequente do que a consoante [s], que aparece em 29% dos casos. O *glide* [w], ortograficamente <l> ou <u>, aparece em 97% das oxítonas terminadas em *glides*, ou seja, em 2.597 ocorrências, enquanto o [l] em apenas 3% dos dados, ou 86 ocorrências. As vogais nasalizadas [ĩ] e [ã] são as que aparecem em maior quantidade nos dados quando se trata de palavras oxítonas terminadas em vogal nasalizada, com 38% e 31%, respectivamente. A vogal [ũ] aparece com 13%, a vogal [ẽ] com 10% e, finalmente, [õ] com 8%.

A Tabela 2 mostra a quantidade de palavras com cada elemento final na lista-base e o número de palavras com esses elementos finais em cada uma das nove línguas cujos empréstimos mais resultaram em palavras oxítonas no português. A tabela também realça os três elementos finais mais comuns em cada uma das nove línguas. Além disso, destaca a ausência de palavras terminadas em um dado fonema,⁶ como, por exemplo, não há nenhuma das palavras do árabe terminadas em /õ/, pois esta vogal não existe nesta língua. Ao mesmo tempo, também não há nenhuma palavra terminada em /u/ nas palavras oxítonas cuja origem etimológica seja árabe, embora haja este fonema nesta língua, o que mostra que o estudo da fonologia de cada língua é importante para o estudo das oxítonas.

TABELA 2 - ELEMENTOS FINAIS

	LISTA-BASE	LT ⁷	TP	FR	ARB	IRB	ING	ESP	GRG
TOTAL	10.494	1.774	1.446	580	207	206	187	140	87
[w]	2.597	965	24	205	56	0	96	83	61
[i]	1.273	16	329	26	20	11	12	9	2

[a]	1.255	11	356	16	19	43	1	2	0
[u]	1.162	6	378	17	0	14	6	1	0
/R/	928	571	7	58	30	0	26	8	14
[ɛ]	596	8	122	25	7	33	0	0	2
[ĩ]	468	13	57	27	21	3	10	16	0
[ɔ]	444	15	42	15	1	9	0	0	0
[ã]	385	21	61	17	8	15	8	2	1
[s]	385	127	4	45	32	1	7	16	4
[e]	368	2	35	70	2	34	2	0	0
[o]	175	1	1	33	1	26	0	0	0
[ũ]	154	10	13	2	3	15	7	0	0
[ẽ]	117	5	13	2	7	2	1	2	0
[õ]	101	1	2	20	0	0	10	1	2
[ɨ]	86	2	2	2	0	0	1	0	1

A partir da análise do século de entrada das oxítonas no português, verificamos que das 6.019 oxítonas com datação (57% do total), 2.123 foram registradas no século XIX, ou seja, 35,3%; 1.129 entraram no século XX, ou seja, 18,8%. Embora mais de uma centena de línguas tenha contribuído com palavras oxítonas no português, o grupo mais expressivo é formado por seis línguas. O pico de entrada de seis (latim, ‘tupi’, francês, grego, concani e espanhol) das nove línguas analisadas que mais ‘emprestaram’ palavras ao português também ocorreu no século XIX.

Constatamos também que a frequência relativa das oxítonas é praticamente a mesma das paroxítonas e também praticamente a mesma de um *corpus* de 150 mil palavras que inclui monossílabos, oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas (ARAUJO et al., 2008). Das 10.494 oxítonas da lista-base, 51,9% são comuns ou frequentes. Tão comuns ou frequentes como 47,3% do *corpus* de 94.297 paroxítonas de Araujo et al. (2008). O mesmo ocorre com o *corpus* geral de Araujo et al. (2008): das 150.875 palavras, 46,3% são comuns ou frequentes, ou

seja, partindo-se de qualquer um dos *corpora*, sendo este formado por oxítonas, por paroxítonas ou pelas duas categorias, a porcentagem de palavras comuns ou frequentes é relativamente a mesma.

Além disso, determinamos a origem das palavras oxítonas e verificamos sua porcentagem em relação às línguas emprestadoras. Mesmo que Sandalo (1999) sugira não ser possível explicar o grande número de oxítonas como empréstimos, Agostinho (2008) demonstrou que cerca de 80% das oxítonas do português são empréstimos, provenientes de mais de uma centena de línguas, 76 das quais emprestaram ao português quatro palavras ou menos; dessas 76 línguas, 48 aparecem com somente um item lexical oxítono. Por outro lado, o latim, o ‘tupi’, o francês, o árabe, o iorubá, o inglês, o espanhol destacam-se com mais de 100 ocorrências.

A presença da língua portuguesa na lista-base se justifica por se tratar de palavras oxítonas cuja origem não pode ser associada aos processos morfológicos do português, embora também não haja evidências de se tratar de uma palavra estrangeira ou proveniente do latim por via da evolução. De um total de 10.491 palavras da lista-base, 81% (cerca de 8.500 palavras) têm sua origem fora do português e do latim. Contudo, a origem latina direta corresponde a 16,7% de todas as oxítonas. O grande grupo formado pelas línguas latinas da Europa aparece como fonte de 46% do total das oxítonas.⁸ As línguas das Américas aparecem com 29% do total; as da África e as do Oriente (Próximo e Médio) comparecem com igual quantidade – 9% cada grupo. As oxítonas cuja origem pode ser remontada às línguas do Extremo Oriente, às línguas germânicas e às outras línguas da Europa perfazem o total de 7% dos dados.⁹ Há, ainda, outras línguas de difícil classificação¹⁰ que foram descartadas, já que são pouco relevantes, uma vez que somam apenas 5 ocorrências, menos de 1% dos dados.

Cada um dos grandes grupos pode ser analisado em separado. O grupo africano, por exemplo, representa 9% do total, ou seja, 522 palavras: iorubá – 207 palavras, ou 40%; quimbundo – 70 palavras, ou 13 %; banta – 34 palavras, ou 7%; crioulo – 36 palavras, ou 7%; quicongo – 31 palavras, ou 6%; jeje – 18 palavras ou 3%; umbundo – 10 palavras, ou 2%; outras línguas¹¹ – 10 palavras; ‘africanismos’ – 74 palavras, ou 14%, e de origem africana – 24 palavras, ou 5%.

No que diz respeito à origem americana das oxítonas, a língua ‘tupi’ aparece como a maior influenciadora, com 1.558 ocorrências. Um total de 16 palavras, ou 1%, é descrito como de origem guarani. Palavras de origem indígena indeterminada aparecem em 12% dos dados, sendo, segundo o DH, 157 palavras, ou 9%, a somatória de ‘origem indígena’, ‘indigenismo’ – 24 palavras, ou 1%; e ‘outras línguas indígenas’ – 27 palavras, ou 2%. Esse dado é relevante, pois mostra que mais de 10% das palavras atribuídas ao grupo americano são de origem indígena, embora sua filiação linguística seja desconhecida, e que todas as outras línguas indígenas americanas contribuíram com somente 2% do total do grupo. Graças ao avanço nos estudos das línguas indígenas brasileiras nos últimos trinta anos, esse problema poderia estar mais perto de ser solucionado, pois se coloca como uma questão central para os especialistas nas línguas indígenas brasileiras: qual a extensão da influência vocabular indígena no português, excluindo-se as palavras de origem ‘tupi’? Muitas dessas descobertas científicas sobre as línguas indígenas americanas, porém não foram incorporadas pelos dicionários.¹² Grande parte das palavras do ‘tupi’ se refere à nomenclatura de fauna e flora. Observemos alguns exemplos, retirados do DH:¹³ *abati*: tupi {awa’ti} ‘milho, arroz, trigo’; *acari*: tupi {gwaka’ri} ‘peixe da fam. dos loricariídeos, tb. conhecido como cascudo’; *cacundê*: tupi {ka’a} ‘folha, mato, erva’ + {ku’ndawa} ‘retorcido’; *imburi*: tupi {mbu’ri} ‘espécie de palmeira’.

O latim e as línguas neolatinas formam um grupo influente.¹⁴ O latim aparece em 1.774 ocorrências, ou 63% dos dados do grupo das línguas latinas. Com 21% vem o francês, com 583 palavras; o espanhol com 140 palavras, e o italiano com 65. O grupo de línguas germânicas contribuiu com 215 palavras, sendo que o inglês aparece em 188 palavras, isto é, 88% do total do grupo. O dinamarquês (1 palavra), o germânico (3), o gótico (3) e o alemão (20) são as outras línguas do grupo. Outras línguas da Europa tiveram uma influência menos marcante, excetuando-se o grego com 87 palavras. As outras línguas do grupo são o húngaro (1), o basco (2), o russo (7) e o turco (10).

As línguas do grupo do Extremo Oriente (o birmanês, o chinês, o japonês, o mongol e o vietnamita) aparecem com menos de 80 palavras, com destaque para o chinês com 37 palavras e o japonês com 36. As palavras do japonês se associam, em sua totalidade, à própria cultu-

ra japonesa, incluindo culinária, artes, lutas, entre outros. Observemos alguns exemplos: *bonsai*: jap. {bonsai} 'bandeja com planta', de {bon} 'bandeja, bacia' + {sai} 'planta'; *karatê*: jap. {kara} 'vazio' + {te} 'mão'; *haikai*: jap. {haikai} 'id.', formado de {hai} 'brincadeira, gracejo' + {kai} 'harmonia, realização'; *samurai*: jap. {samurai} 'servir', de {sa-} prefixo + {morai} 'espera cautelosamente', freq. de {mor-} 'guardar, proteger'.

No grupo das línguas de origem do Oriente Próximo e Médio, o árabe destaca-se com 207 palavras, ou 38% do total do grupo. Ressaltemos que os *arabismos*, as palavras de origem moçárabe e as palavras do persa-árabe não foram computadas neste grupo de 38%, mas nos 12% de *outras*. Este grupo ainda contém o persa (com 35 palavras, ou 6% do total do grupo), o sânscrito (28), o hebraico (27), o concani (com 78), o concani-marata (16), o hindi (22), o malaio (58) e um grupo formado por outras línguas minoritárias¹⁵ com 69 palavras. A forte presença concani e concani-marata (embora tipologicamente distintas, são apresentadas no DH como um grupo homogêneo) deve-se à influência do concani no vocabulário português de Goa, Índia.

A partir dessas informações, tentaremos agora verificar como a palavra era em sua língua de origem e quais foram as transformações sofridas em sua adaptação para o português. É válido ressaltar que essa avaliação não pode ser completa, pois não há como saber o momento exato de entrada das palavras oxítonas no português para poder então descrever a língua naquele estágio. Isso significa que as descrições das características linguísticas das várias línguas serão sempre uma aproximação, pois as palavras de uma mesma língua podem entrar no português em épocas diferentes. Desse modo, palavras com estruturas semelhantes podem ser nativizadas de maneiras diferentes, dependendo tanto do português como da língua emprestadora. Temos em francês, por exemplo, a palavra “abricot” pronunciada [abri'ko] em francês. Esta palavra entrou para o português sob três formas: “abricô”, “abricó” e “abricote”. Observamos que em francês a consoante final não é pronunciada. Assim, “abricô” e “abricó” parecem ter entrado no português via língua falada, pois são pronunciadas [abriɾko] e [abri'ko]; “abricote”, por sua vez, entrou via língua escrita, já que a consoante /t/ não é permitida em posição de coda em português do Brasil. Desse modo, uma solução foi inserir uma vogal paragógica para

formar uma nova sílaba CV, resultando em [abri'kɔtʃi]. Contudo, não há como assegurar a prevalência de um dialeto ou outro e, dessa forma, a palatalização final deve ser atribuída à eleição do dialeto paulistano neste trabalho.

Por fim, foi elaborada uma análise estatística do elemento final em cada língua, a partir da lista-base. Avaliando todas as oxítonas, o elemento final mais frequente é o *glide* [w], com 24,71% do total, ou seja, de cada quatro oxítonas, uma termina com este *glide*. Na escrita, este *glide* pode ser representado por <l>, como em “animal”, por <o>, como em “barão” e por <u>, como em “museu”. Do outro lado da tabela está o *glide* [j], com apenas 86 ocorrências, ou 0,82% do total. Na escrita, este *glide* pode ser representado por <i>, como em “samurai”, ou por <e>, como em “mamãe”. As vogais /i/, /a/ e /u/ representam cerca de 11% cada do total das oxítonas.

2 ANÁLISE: ELEMENTO FINAL E MANUTENÇÃO DE ACENTO

Em primeiro lugar, trataremos do elemento final, cruzando os resultados obtidos em análises anteriores com os do texto “Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português” de Araujo et al. (2008). Examinaremos também eventuais padrões específicos da língua em relação ao seu elemento final mais comum. Em seguida, verificaremos se houve manutenção ou alteração do acento da palavra nos empréstimos das seis línguas mais frequentes na lista-base. Para tanto, será necessário fazer um estudo amplo, observando exemplos de palavras de cada uma dessas línguas, sendo possível apresentar o percurso do padrão de empréstimo de cada língua. Isso será feito a partir da análise do sistema fonológico das línguas. Dessa forma, poderemos determinar como se deu sua adaptação para o português e se há algum padrão dessas línguas em relação ao século de maior incidência.

2.1 Elemento final

Nesta seção, abordaremos os elementos finais das oxítonas através dos resultados da análise de Agostinho (2007a, 2007b), a partir

dos dados da lista-base e de Araujo et al. (2008). Segundo estes autores, tanto as paroxítonas como as proparoxítonas possuem cerca de 83% de suas sílabas tônicas abertas, ou seja, terminadas em vogal, incluindo V, CV, CCV, CGV e GV (onde V é uma vogal, C é uma consoante e G é um *glide*). Nas oxítonas, o quadro é invertido, mas devemos considerar que no *corpus* utilizado pelos autores 38,6% das oxítonas são formas de verbo no infinitivo. Os não verbos oxítonos terminados em vogal não ultrapassam 18% do total de oxítonas. Os dados referem-se à base com interpretação dos fonemas conforme a realização fonética da variante paulistana (VIARO & GUIMARÃES-FILHO, 2006). Quanto às oxítonas, essa interpretação considerou a consoante final do verbo no infinitivo pronunciada como [r], como em [fa.'lar] 'falar' e não previu o apagamento da consoante /r/ final, como em [fa.'la] 'falar'. Todos os verbos foram excluídos, pois aparecem somente em sua forma infinitiva e, portanto, são todos previsivelmente oxítonos *a priori*.

As vogais são o elemento final de 50% das oxítonas, ou seja, 5.273 palavras. As vogais nasalizadas aparecem em 12% dos dados, ou seja, 1.225 palavras. Já os *glides* [w] e [j] aparecem em 26%, e as consoantes em 12% das palavras, quantidade igual à das vogais nasalizadas. Verificamos que o [r] aparece em 71% dos dados, sendo mais frequente do que o [s], que aparece em 29%. O *glide* [w] aparece em 97% das oxítonas terminadas em *glides*, ou seja, 2.597 ocorrências, enquanto o [j] aparece em apenas 3% dos dados, ou seja, 86 ocorrências.

Segundo Silva (2006), a nasalidade é regressiva no português, ou seja, as vogais e ditongos nasais do português resultam de vogais seguidas de consoantes nasais no latim. Temos, por exemplo: *romāna* > *romã*; **burricana* > *borrega*; *avellāna* > *avelã*; **abigone* > *abegom* > *abigão*; *matiāna* > *maçaam* > *maçã*; *hortulāna* > *hortelaam* > *hortelã*; *jejūnus* > *jejum*; *cherubīm* > *querubim*. Podemos observar, nos exemplo acima, a nasal latina /n/ em posição intervocálica, vogais e ditongos nasais em posição final de vocábulo e vogais seguidas de nasal implosiva. Observamos que as vogais nasalizadas [ĩ] e [ã] são as que aparecem em maior quantidade nos dados, com 38% e 31%, respectivamente. A vogal [ũ] aparece em 13% dos dados, [ẽ] com 10% e, finalmente, [õ] com 8%.

TABELA 3 - FREQUÊNCIA DOS ELEMENTOS FINAIS

REALIZAÇÃO FONÉTICA	OCORRÊNCIAS NA LISTA-BASE	PORCENTAGEM
[w]	2.597	24,71%
[i]	1.273	12,13%
[a]	1.255	11,96%
[u]	1.162	11,07%
[r]	928	8,85%
[ɔ]	596	5,68%
[ĩ]	468	4,46%
[ɔ]	444	4,24%
[ã]	385	3,68%
[s]	385	3,68%
[e]	368	3,50%
[o]	175	1,68%
[ũ]	154	1,47%
[ẽ]	117	1,11%
[õ]	101	0,96%
[j]	86	0,82%
TOTAL	10.494	100%

Quanto às vogais orais, a distribuição das oxítonas varia em relação aos resultados de Araujo et al. (2008). A partir da lista-base, as vogais mais frequentes são [i], [a] e [u], com 24,1%, 23,8% e 22%, respectivamente. Essas três vogais atingem o total de 69,9% das vogais orais; ou seja, se a palavra é oxítona e terminada em vogal, a chance de ser terminada em [i], [a] ou [u] é de cerca de 70%. As vogais [e], [ɛ] e [ɔ], por sua vez, são pouco frequentes. A vogal menos frequente é o [o], com apenas 3,3% dos dados. As vogais finais mais frequentes na listagem de Araujo et al. (2008) são [a], [i] e [e], com 32,5%, 28,3% e 16,8%, respectivamente, ou seja, 77,6% do total.

TABELA 4 - VOGAIS ORAIS

VOGAIS	OXÍTONAS LISTA-BASE (10.494 oxítonas)		OXÍTONAS (Araujo et al.) (37.568 oxítonas)		PAROXÍTONAS (Araujo et al.)	PROPÁROXÍTONAS (Araujo et al.)
[i]	24,1%	1°	28,3 %	2°	7,9 %	26,5 %
[a]	23,8%	2°	32,5 %	1°	66,9 %	21,6 %
[u]	22,0%	3°	5,0 %	7°	3,8 %	2,6 %
[ε]	11,3%	4°	5,3 %	5°	2,9 %	12,0 %
[ɔ]	8,4%	5°	6,9 %	4°	2,7 %	25,2 %
[e]	7,0%	6°	16,8 %	3°	5,2 %	4,4 %
[o]	3,3%	7°	5,1 %	6°	10,6 %	7,7 %

A grande diferença entre as análises de Araujo et al. (2008) e a que é agora apresentada reside na frequência das vogais [u] e [e]. Isto ocorre provavelmente porque adotamos critérios diferentes, descritos acima, para a formação da lista de oxítonas. Possivelmente muitas palavras derivadas têm sufixos terminados em [e], enquanto muitas das palavras substantivas, principalmente as originárias do ‘tupi’, terminam em [u], como podemos observar na tabela 4. Já a vogal [a], que está presente em ambas as listas, aparece de forma mais expressiva na lista de Araujo et al. No entanto, as vogais [i], [ε], [o] e [ɔ] têm evidente correspondência nas duas listas. Sendo assim, podemos afirmar que as vogais [a] e [i] são muito frequentes, enquanto as vogais [ε], [o] e [ɔ] são pouco frequentes como elemento final das oxítonas.

2.2 Manutenção de acento

Nesta seção, verificaremos se houve manutenção ou alteração do acento da palavra em cada um das palavras oxítonas considerando a sua etimologia no DH e as possibilidades estruturais das nove línguas emprestadoras majoritárias. Portanto, esboçaremos os percursos de empréstimo em cada língua a partir da análise de seu sistema fonológico e da etimologia descrita pelo DH. Araujo et al. (2008) sugerem que há uma tendência para a manutenção do acento nos casos de empréstimos –

esta é, por conseguinte, a nossa hipótese. Segundo Collinschonn (2005), o acento oxítono em palavras terminadas em vogais é explicado pela origem histórica dessas palavras. No entanto, a nossa análise mostrará que essa afirmação não é apoiada nos fatos, pois há uma tendência em manter o acento, mas isso não pode ser necessariamente correlacionado à qualidade da vogal.

O método do DH estabelece a datação das palavras de acordo com “a data do primeiro registro conhecido ou estimado de uma palavra, com indicação da fonte onde ocorre ou da primeira obra lexicográfica que a incluiu em sua nominata” (HOUAISS e VILLAR 2001, p. XXI). Sendo assim, as datas no DH não são sempre precisas, pois a palavra já poderia estar sendo empregada na língua falada muito antes de ser efetivamente documentada.¹⁶

2.2.1 Latim¹⁷

Apesar de não existirem palavras oxítonas no latim, essa origem pode ser identificada em cerca de 17% das oxítonas da lista-base. Assim, todas as palavras oxítonas em português originárias do latim sofreram algum tipo de processo fonológico que gerou apagamento de material fônico e mudanças de acentos. Cerca de 90% das palavras oxítonas de origem latina terminam em consoante ou no *glide* [w]:

ELEMENTO FINAL	w	/R/	s	ã	i	ɔ	ĩ	a	ũ	ε	u	ẽ	o	õ	e	j
TOTAL 1.774	965	571	127	21	16	15	13	11	10	8	6	5	1	1	2	2

Ao mesmo tempo, muitas das oxítonas de origem latina terminadas em vogal provêm do latim científico, ou seja, são palavras que foram formadas com objetivos nomenclaturais e, portanto, não entraram naturalmente, via evolução linguística. Há, também, a presença das vogais /ɔ/ e /ε/ que não estão presentes na língua latina e que correspondem às vogais breves ð e ě que, segundo Teyssier (2004, p. 9), eram sempre mais abertas que as longas correspondentes. Contudo, temos palavras como *maná*, do latim tardio *manna* ‘alimento’ do grego *mánna* e este do aramaico *manná*, que não pode ser tão facilmente

explicada. É possível que o acento da palavra tenha se mantido desde o aramaico.

As vogais nasalizadas podem ser explicadas pela coda preenchida por uma nasal em latim e a subsequente nasalização da vogal na passagem da palavra para o português. Na palavra *manhã*, por exemplo, originária do latim vulgar **maneána*, o acento é deslocado para a desinência e a sílaba final cai. O mesmo ocorre com *romã*, de *romána*. As palavras terminadas em [w] correspondem, em geral, às terminações latinas: *ónis*; *ális,e* e *ánus,a,um*. Temos, por exemplo, *muchão*, de *mustio,ónis* ‘mosquito que nasce no vinho’; *conatural*, de *connaturális,e* ‘da mesma natureza’; *cristão*, de *christíanus,a,um* ‘cristão’. Podemos perceber a queda da rima da sílaba final pós-tônica.

Já as palavras terminadas em /r/ correspondem, em geral, às terminações latinas: *óris*; *órus,a,um* e *ális,e*. Temos a palavra *tortor*, por exemplo, que vem do latim *tórtor,óris* ‘carrasco, algoz’. A palavra sem desinência era [ˈtor.tor], ou seja, paroxítona. A forma da desinência era [tor.ˈto.ris], também paroxítona, mas com o acento na mesma sílaba acentuada que em português. Observamos, novamente, que a palavra deve ter entrado com a desinência, sofrido perda da rima da última sílaba e então passado por um processo de ressilabificação. As palavras terminadas em /s/ em geral correspondem à desinência *ícis*, como em *cerviz*, de *cervix,ícis* ‘cachaço, pescoço, nuca, gargalo, colo, valor, audácia, ousadia, tronco de uma árvore’ e *eficaz*, de *efficax,ácis* ‘que executa, opera, obra; que leva a cabo; eficaz, poderoso’. Nesses casos, a consoante do ataque da última sílaba passa para a coda quando sua rima cai. É válido ressaltar que o <z> ortográfico não corresponde necessariamente a /z/, pois, nos casos acima, corresponde a /s/. Portanto, as modificações ocorridas em relação às palavras latinas podem ser associadas a alterações fonológicas.

A quantidade de palavras oxítonas de origem latina, segundo o DH, é a seguinte: 6 palavras oxítonas nos séculos IX e X; 15 palavras, ou 1%, no século XI; 25 palavras, ou 2%, no século XII; 218 palavras, ou 13%, no século XIII; 144, 148 e 141 palavras, ou aproximadamente 11% (em cada século), nos séculos XIV, XV e XVIII, respectivamente; 517 palavras, ou 32%, no século XIX; e 49 palavras, ou 3%, no século XX. Exemplifiquemos algumas entradas para cada século a título de ilustração. Das entradas por evolução, temos: no século IX: *casālis* >

casal; no século X: *falcōnis* > *falcão*; no século XI: *judeu* > *judaeos*; no século XII: *retro* > **redro* > *redor* e, finalmente, no século XIII: *albōris* > *alvor*. Via empréstimo tardio, temos: no século XIV: *avellāna* > *avelã*; no século XV: *capax* > *capaz*; no século XVI: *anthrax* > *antraz*; no século XVII: *athēus* > *ateu*; no século XVIII: *archēos* > *arqueu*; no século XIX: *turōnis* > *turão*; e no século XX: *turgōris* > *turgor*.

2.2.2 ‘Tupi’

Em relação ao ‘tupi’, 197 palavras, ou 24% do total, foram registradas no DH no século XVI; 84 palavras, ou 10%, nos séculos XVII e XVIII, cada; 301 palavras, ou 37%, no século XIX, e 19% no século XX. O pico inicial, ou seja, na primeira fase da colonização, era esperado. No entanto, houve também uma entrada substancial no século XIX que pode estar associada à documentação e não mais à influência direta das línguas do grupo ‘tupi’ no contato com o português.

Podemos observar que das 1.448 palavras oxítonas oriundas do ‘tupi’, 1.409 terminam em vogal, 26 em *glide* e apenas 11 terminam em consoante.

ELEMENTO FINAL	u	a	i	ε	ã	ĩ	ɔ	e	^w	ũ	ẽ	/R/	s	õ	j	o
TOTAL 1.446	378	356	329	122	61	57	42	35	24	13	13	7	4	2	2	1

Segundo Navarro (1998), todas as palavras em ‘tupi’ terminadas em [i] ou [u], consoante, *glide* ou vogal nasalizada eram oxítonas e, portanto, provavelmente não sofreram mudança de acento¹⁸ ao serem nativizadas no português. Temos então de explicar as palavras terminadas em [a], [ε], [ɔ], [e] e [o]. Resta observar também as palavras terminadas em *glide* e em consoante da lista-base para verificar o elemento final da palavra original no ‘tupi’. Sendo assim, das 26 palavras terminadas em *glide*, apenas quatro dos étimos em ‘tupi’ permitem o reconhecimento de um *glide* como elemento final. Cinco dessas palavras não têm nenhuma informação de sua etimologia. Dezesesseis terminam em vogal e, surpreendentemente, um termina em consoante. É o caso de “joçal” cuja etimologia é, no DH, “orig. obsc.; prov. relacionado a {joçá}, segundo Nascentes, do tupi {yukab} ‘o que comicha’”. Das

11 oxítonas terminadas em consoante em português, apenas duas¹⁹ são também terminadas em consoante na palavra original dada pelo DH. Uma das principais evidências no caso da terminação em vogal provém de palavras como “mingau”, do “tupi {minga’u} ‘comida que gruda’”, sofrendo então ditongação e deslocamento de acento.

De qualquer maneira, as palavras terminadas em /a/ parecem ter sido oxítonas também em ‘tupi’, como por exemplo: *aiapuá* de {ayapu’a}, *andacaá* de {a’nda} + {ka’a} e *axuá* de {axu’a}.

No que diz respeito às vogais médias abertas, [ɛ] e [ɔ], o quadro é um pouco mais complexo, pois muitas vezes não é possível estabelecer se a vogal final era [ɛ] ou [e] em ‘tupi’, já que o DH não marca a abertura da vogal em todos os casos. Alguns exemplos são: *caimbé* de {kaa’imbe} e *cavacué* de {kawaku’e}. O mesmo fenômeno ocorre com a vogal [ɔ], ou seja, não é possível saber a abertura da vogal, como em: *itotoró* de {ĩ} + tupi {toro’ro} e *inimbó* de {ini}’ {mbo}.

O processo de queda da sílaba final é mais fácil de ser determinado, como em *moçoró* de {mo-so-’roka}. Podemos observar, nesse tipo de exemplo, a queda da sílaba pós-tônica final, mas não podemos estabelecer o que engatilhou o processo, embora esse tipo de apagamento de sílaba átona final seja comum em aprendizado de segunda língua, considerando que o contato entre os portugueses e os indígenas do grupo tupi promovia também falantes com vários graus de conhecimento das línguas em contato. Por fim, mencionamos os casos de palavras originalmente compostas como: *curupé* de {ku’ru} + {‘pewa} e *tarapé* de {tara’pewa}. Além disso, podemos ligar o processo de apagamento final ao desvozeamento de vogais finais, como, por exemplo, encontrado no português falado, onde <casaco> e <tomate> são pronunciados respectivamente [ka.ˈza.ky] e [to.ˈma.tʃi]. No único dado com palavra terminada em [o], *angatecô* de {anga}’ {ta}, não foi possível esclarecer o motivo do surgimento da última sílaba da palavra. Neste sentido, muitas das palavras ‘tupi’ são classificadas no DH como “provavelmente tupi” ou “tupi, mas étimo incerto”.

2.2.3 Francês²⁰

Um total de 580 palavras oxítonas tem origem francesa, segundo o DH. Neste grupo, embora as palavras com o *glide* [w] superem

um terço do total, há uma distribuição igualitária entre as vogais e consoantes:

ELEMENTO FINAL	w	e	/R/	s	o	ĩ	i	ε	õ	u	ã	a	ɔ	ũ	ẽ	j
TOTAL 580	205	70	58	45	33	27	26	25	20	17	17	16	15	2	2	2

Embora, todas as palavras em francês tenham acento final (SCHANE, 1968), as palavras de origem francesa foram nativizadas em português com acento final (oxítonas) e pré-final (paroxítonas). Em francês, o acento cai na última sílaba da palavra, a não ser que esta tenha um *schwa* como vogal. Neste caso, o acento cai na vogal anterior, como em *habite* [a'bitə], *livre* [livʁə], *débuté* [de.by.tə] e *juge* [ʒy.zə]. As consoantes finais em particular *s*, *x*, *z*, *t*, *d*, *n* e *m* não são pronunciadas. No entanto *c*, *r*, *f* e *l* são normalmente pronunciadas. Assim, estabelecer quando uma palavra entrou no português via empréstimo e se a entrada se deu via língua escrita ou língua falada não é uma tarefa simples.

Em alguns casos encontramos pistas que nos ajudam a determinar por qual via a palavra entrou. No caso específico do francês temos a palavra *tricô* cuja descrição no DH é a seguinte: “fr. *tricot* (1660) ‘agulha para tricotar’, (1666) ‘tecido de malha feito com agulhas’, (1847) ‘artigo feito de tricô’, regr. de *tricoter* < *tricot* ‘bastão’” e a palavra *fricote*, com a etimologia assim descrita pelo DH: “talvez ligado ao fr. *fricot* (1767) ‘refeição mal preparada’, us. coloquialmente com o signif. de ‘mania, manha’, do mesmo rad. de *fricassê*”. Essas palavras são pronunciadas no francês moderno [tri'ko] e [fri'ko], respectivamente. Observamos que, em ambos os casos, a consoante final não é pronunciada. Sendo assim, a palavra oxítona *tricô* parece ter entrado no português via língua falada, pois é pronunciada [tri'ko] e que *fricote* entrou via língua escrita, uma vez que o fato de a consoante /t/ não ser permitida em posição de coda no português do Brasil permitiu a inserção de uma vogal (paragoge) para se formar uma nova sílaba CV, resultando em <fri.co.te> [fri'kotʃi]. No entanto, há em português os verbos <tricotear>, do francês “*tricot* + *-ear*” e *tricotar*, segundo o DH originário da forma do verbo francês “*tricoter*”. No primeiro caso, o verbo parece ter sido montado através da palavra em francês escrita, enquanto, no segundo caso, a origem não pode ser determinada, já que a consoante /t/ é pronunciada no verbo em

francês. Temos ainda a palavra *bidê* ou *bidé*, de “*bidet* (1739) ‘aparelho sanitário’ f. metf. fr. *bidet* (1564) ‘pequeno cavalo de sela’ < fr. ant. *bider* ‘trotar, andar a trote (o cavalo ou quem nele monta)’” que é pronunciada [bi.'de] em francês, ou seja, sem consoante final. Dessa forma, podemos inferir que esta palavra entrou no português via oral. Em relação às consoantes, podemos observar a presença de /s/, /R/ e do *glide* /w/ que pode aparecer no lugar de /l/ e de outras consoantes. Como o /s/ não é normalmente pronunciado em francês na posição final, podemos inferir que essas palavras entraram via língua escrita. Já nos casos de /R/ e de /l/ é arriscado fazer constatações desse tipo, posto que essas consoantes aparecem tanto na língua escrita como na língua falada.

Grande parte das palavras oriundas do francês terminadas em /o/ tem a terminação {-eau}, que é pronunciada como [o] em francês. Sendo assim, podemos inferir que essas palavras entraram no português via língua falada. Já palavras como *canapé*, de {*canapé*} (1648) ‘banco grande, dotado de espaldar, em que se podem sentar diversas pessoas’, pode ter entrado via escrita, já que a grafia *é* corresponde em francês a [e] e não a [ɔ], vogal final da palavra em português. Em geral, podemos concluir que as palavras do francês mantêm a tendência de manutenção do acento, mesmo que, em alguns casos, a qualidade da vogal tenha mudado.

Palavras de origem francesa apresentam seu pico no século XIX e XX, graças, sobretudo, à influência cultural francesa. Os valores são os seguintes: 1 palavra no século XI; não há registros no século XII; 21 palavras, ou 5%, no século XIII; 16 palavras, ou 3%, no século XIV; 27 palavras, ou 6%, no século XV; 39 palavras, ou 8%, nos séculos XVI e XVII, cada; 44 palavras, ou 10%, no século XVIII; 185 palavras, ou 41%, no século XIX; e 89 palavras, ou 19%, no século XX. Ou seja, havia um influxo regular, porém limitado, nos séculos anteriores ao XIX e XX.

4.4.4 Árabe²¹

No que diz respeito ao árabe, a documentação indica que a influência linguística diminuiu depois do século XVI, embora no século XIX tenha havido um novo pico de entrada de palavras oxítonas cuja origem (direta ou indireta) é atribuída ao árabe. Contudo, o mesmo fenômeno precisa ser pesquisado em relação às proparoxítonas e às

paroxítonas. Dessa forma, o árabe se junta ao francês, ao grego, ao espanhol, ao latim e ao ‘tupi’ com forte presença no século XIX. Os valores relativos referentes ao árabe são: 2 palavras, ou 1%, no século XI; 4 palavras, ou 2%, no século XII; 24 palavras, ou 13%, no século XIII; 22 palavras, ou 12%, nos séculos XIV e XV, cada; 41 palavras, ou 23%, no século XVI; 12 palavras, ou 7%, nos séculos XVIII e XVIII, cada; 29 palavras, ou 16%, no século XIX e 12 palavras, ou 7%, no século XX. A seguir apresentamos os quadros com as consoantes e as vogais do árabe, no qual é possível observar que as sílabas pesadas (compostas por *glides* e consoantes finais) têm um peso relevante em mais de 60% dos dados:

ELEMENTO FINAL	w	s	/R/	ĩ	i	a	ã	ε	ẽ	ũ	e	ɔ	o	u	õ	j
TOTAL 207	56	32	30	21	20	19	8	7	7	3	2	1	1	0	0	0

O árabe é uma língua de acento silábico, sendo o acento é sensível ao peso. Segundo Watson (2002), temos, por exemplo: *ki-TAA-bun* “livro”, *KAA-ti-bun* “escritor”, *MAK-ta-bun* “mesa”, *ma-KAA-ti-bu* “mesa (plural)”, *ka-ta-BUU-hu* “eles escreveram”, *ka-TAB-tu* “eu escrevi”. Em geral, é acentuada a sílaba mais pesada da direita para a esquerda. Sílabas com vogais longas podem – ou não – ser consideradas longas de acordo com o dialeto. O árabe tem as vogais /a/, /i/, /u/ e os ditongos /aj/ e /aw/. No entanto, das 89 palavras oxítonas terminadas em vogais listadas no DH, apenas 39 terminam em vogais que podem ser encontradas no árabe. Como o DH não descreve o acento original nas palavras do árabe, requer-se um estudo amplo dessa língua, posto que as oxítonas terminam em sílaba leve ou em vogal longa. Nesses casos, seria necessário investigar de qual dialeto do árabe proveio essa palavra, uma vez que a sílaba com vogal longa é considerada ora leve, ora pesada, a depender do dialeto.

A presença de vogais nasalizadas pode ser explicada pela presença da coda preenchida por uma nasal em árabe e pela nasalização da vogal na passagem da palavra para o português. Das 39 palavras terminadas em vogal nasal, 26 terminavam em consoante nasal em árabe. Dessa forma, podemos assumir que essas palavras já eram oxítonas em árabe,

devido à sílaba pesada final. Temos, por exemplo, as palavras *ramadã*, de *ramadān*, do verbo *ramida* ‘ser ardente, escaldante’; *jasmim*, de *yásmín* ‘arbusto, flor’ e *gergelim*, do árabe vulgar ár.vulg. *djildjilán* (ao lado de *djindjilán*, *djindjinlí*, *djudjulán*) do ár. cl. *djuldjulán* ‘grão do coentro, do sésamo; gergelim’ (DH). Em relação às outras consoantes na coda, observa-se a presença de /s/ e /R/, além do *glide* /^w/ . Das 62 palavras terminadas com essas consoantes, 51 delas têm a consoante final em árabe correspondente à consoante final em português, 7 têm outro elemento final e 4 não têm um étimo original em árabe descrito pelo DH. Novamente, podemos perceber a tendência do acento em ser mantido, já que sabemos que as palavras terminadas em consoante eram oxítonas em árabe devido ao peso da sílaba. Alguns exemplos são: *algar*, de *al-ġār*; *nadi* de *nazir* ‘ponto diretamente oposto (ao zênite)’; *arroz*, de *ar-ruzz* ‘id.’, malai. *ari* ‘arroz descascado’ e *xadrez*, de *xaṭrandj*, do sânscrito *chaturanga*, lit. ‘os quatro membros’.

Todas as palavras terminadas em *glide* nas oxítonas vindas do árabe tinham alguma consoante em coda na palavra em árabe, geralmente uma nasal ou líquida. Isto pode ser observado em “*adail*”, de *ad-dalīl* ‘guia, condutor, piloto’; *aguazil*, de *al-uazīr* ‘o que leva uma carga ou ajuda outrem a levá-la; o que ajuda e aconselha um príncipe; conselheiro, ministro’; *albarrão*, de *al-barrán* ‘de fora, externo; camponês; silvestre’; *alcatrão*, de *al-qatran* ‘resina, alcatrão’; *enxoval*, de *ax-xawār* ‘dote de casamento’ e *leilão*, de *al-ālām* ou *al’-ālām* ‘estandarte, bandeira, aviso, tabuleta’. Portanto, há uma tendência para manter o acento das palavras oxítonas oriundas do árabe.

4.4.5 Iorubá²¹

Os empréstimos oriundos do iorubá apresentam o seguinte quadro: 2 palavras, ou 1%, do total no século XVI; 27 palavras, ou 20%, no século XIX; e 106 palavras, ou 79%, no século XX. A lacuna nos séculos XVII e XVIII pode ser atribuída à escassez de documentação e ao desinteresse pela cultura iorubá e suas religiões.

O iorubá é uma língua tonal, com três diferentes níveis de tom: baixo, médio e alto, sendo o médio o tom *default*. Toda sílaba precisa ter pelo menos um tom. Vejamos alguns exemplos (BAMGBOSE, 1969):

- (2) Alto: ó bè ‘ele pulou’; síbí ‘colher’
 Médio: ó bè ‘ele está na frente’; ara ‘corpo’
 Baixo: ó bè ‘ele pede perdão’; òkò ‘lança’

Não há ditongos em iorubá, o que explica a ausência de palavras oxítonas terminadas em *glide*. Das 207 palavras, 206 terminam em vogal e apenas uma termina em consoante. A palavra terminada em consoante é “ilaís”, que tem etimologia imprecisa: segundo o DH, é de “orig. contrv.; Cacciatore sugere o ior. {i} ‘agente de uma ação’ + {lai} ‘sempre’ + {isin} ‘serviço’, lit. ‘serviçal permanente’”. A partir da sugestão trazida nesta etimologia, observamos que a palavra em iorubá poderia ser terminada com uma vogal, e não com uma consoante. As vogais médias [ɛ, e, o] e a baixa [a] estão em cerca de 60% das oxítonas de origem iorubá:

ELEMENTO FINAL	a	e	ɛ	o	ũ	ã	u	i	ɔ	ĩ	ẽ	s	õ	w	j	/R/
TOTAL 206	43	34	33	26	15	15	14	11	9	3	2	1	0	0	0	0

As palavras terminadas em vogal, em geral, mantêm sua qualidade nas oxítonas em português, como em “ädê”, de {ad} {ẽ} ‘coroa’; “ecuru, de {ekuru} ‘comida de gêmeos, à base de feijões brancos moídos e cozidos” e “ofá”, de {õ} {fã} ‘flecha’. No entanto o DH não estabelece qual era o acento da palavra em iorubá. Temos apenas dois casos em que a palavra é descrita como sendo oxítônica em iorubá: *batacotó*, de *ba'taa ko'to* ‘tambor usado pela sociedade secreta Guedelê em ocasiões festivas e em cujos rituais espíritos aparecem’ e *djacutá*, vocativo *djaku'ta*. No entanto, o DH de forma discutível atribui o acento silábico a uma língua de acento tonal, que pode não apresentar proeminência em nenhuma das sílabas.

A vogal nasalizada /ũ/, que não ocorre como fonema em iorubá, aparece por preceder uma sílaba com consoante nasal em coda em todos os casos, como em *ogum* e *oxolum*. As outras três palavras terminadas em vogal nasalizada terminam com /ã/. Essas três palavras contêm o mesmo sufixo em iorubá. São elas: *dagã*, de {da} ‘tornar-se’ + {-ga} ‘chefe’; *iadogã*, de {iya} ‘mãe’ + {di} ‘ligar’ + {ga} ‘chefe, pessoa superior’ e *sidagã*, de {si} (contr. de *osi* ‘mão esquerda’, no sentido de

terceira pessoa num posto) + {da} ‘tornar-se’ + {-ga} ‘pessoa superior’. Curiosamente não há nenhuma consoante nasal no final dessas palavras para explicar a vogal nasalizada e, portanto, a origem da nasalidade é controversa. A percepção do tom alto como acento pode ser um dos fatores que levaram à reinterpretação das palavras iorubás no português e à manutenção do acento final.

4.4.6 Inglês²³

A influência do inglês torna-se relevante do século XIX em diante. Os valores relativos referentes às palavras de origem inglesa são: 3 palavras, ou cerca de 2%, nos séculos XVI e XVIII, cada; 22 palavras, ou 19%, no século XIX; e 88 palavras, ou 76%, no século XX. Percebe-se uma destacada influência no século XX, bem como o prestígio cultural e econômico dos países de língua inglesa nesses dois últimos séculos. No que diz respeito à qualidade do elemento final, o *glide* [w], o rótico e as vogais nasalizadas formam a maioria nas palavras de origem inglesa, o que destaca o valor do peso silábico na composição da sílaba em inglês:

ELEMENTO FINAL	w	/R/	i	ĩ	õ	ã	ũ	s	u	e	ẽ	a	j	ε	ɔ	o
TOTAL 187	96	26	12	10	10	8	7	7	6	2	1	1	1	0	0	0

Todas as oxítonas terminadas em vogal nasalizada continham consoantes nasais em inglês. No entanto, a maior parte delas era paroxítona ou proparoxítona em inglês, como *cardigan*, *toboggan*, *shaman*, *pudding*, *teflon* e *dumdum*. É razoável supor que, no momento da sua entrada em português, a palavra foi reconhecida como oxítona devido à sílaba final pesada. Segundo Collischonn (2005), nota-se uma preferência por parte do acento pela última sílaba, quando esta termina em consoante. Collischonn ainda afirma que cerca de 78% das palavras terminadas em consoante são oxítonas. Há também alguns casos de palavras terminadas em consoante nasal que já eram oxítonas em inglês, como *sedan*, *cartoon*, *raccoon*, *quadoon* e *octoroom*. Além de *spleen*, que é um monossílabo em inglês e um dissílabo em português, nativizado como *esplim*, devido à impossibilidade do ataque complexo

sp em português. Em relação às palavras terminadas em vogais orais, 75% eram paroxítonas ou proparoxítonas em inglês, apenas 10% eram oxítonas e 10% eram monossílabos.²⁴

A partir dos exemplos citados, podemos concluir que muitas palavras de origem inglesa, como *iglu*, *rali*, *patchuli* e *daiquiri*, mudam de acento paroxítono/proparoxítono para oxítono em português. Podemos inferir que esse processo guarda alguma relação com a qualidade da vogal final. Das 15 palavras que eram paroxítonas ou proparoxítonas, 13 terminam em /i/, 2 em /u/ e uma em /a/. Vimos anteriormente que /u/ e /i/ são muito comuns em nosso *corpus* e que, segundo Araujo et al. (2008), a vogal final /i/ ocorre em apenas 7,9% das paroxítonas. Sendo assim, talvez o acento tenha uma tendência para mover caso a palavra seja paroxítona terminada em /i/ na língua de origem. Já as palavras terminadas em *glide* /w/ tinham, em geral, alguma consoante em coda como /l/ ou /N/. É o caso de *wagon*, *cocktail*, *recita* e *refil*. Já os terminados em /j/ são *confrey* e *cowboy*, que, embora terminem com o *glide*, são paroxítonos em inglês, porém oxítonos em português.

Finalmente, ocorre com as consoantes o mesmo que se manifesta nas vogais nasalizadas: todas as palavras originais em inglês terminam com consoante. No entanto, novamente, a maior parte delas era paroxítona ou proparoxítona em inglês, como pudemos observar nos exemplos acima. A palavra provavelmente foi reconhecida como oxítona devido à sílaba final pesada.

O acento em inglês é razoavelmente regular. Os substantivos recebem acento na penúltima sílaba se esta for pesada. Se este não for o caso, recebem acento na antepenúltima. O caso mais simples de regularidade do acento do inglês ocorre em verbos e adjetivos sem sufixo. São acentuados na sílaba final se esta tiver uma vogal longa ou se terminar em pelo menos duas consoantes. Se este não for o caso, o acento cai na penúltima. Contudo, o fato de o português nativizar palavras do inglês com acento pré-final ou antepenúltimo como oxítonas requer um estudo mais completo. Além disso, as palavras de origem inglesa nem sempre têm o acento mantido em sua posição original, o que as difere sobremaneira das palavras de origem não inglesa.

4.4.7 Espanhol²⁵

Apesar de séculos de contato próximo, o espanhol contribuiu com poucas palavras oxítonas para o léxico português. Isso pode estar ligado à existência limitada desse tipo de padrão acentual no espanhol. No entanto, o espanhol apresenta uma influência que perpassa os séculos, sobretudo no período que vai do século XIV ao XIX: 2 palavras nos séculos XI e XII, uma em cada; 6 palavras, ou 5%, no século XIII; 10 palavras, ou 8%, no XIV e a mesma quantidade no XV; 26 palavras, ou 22%, no século XVI; 23 palavras, ou 19%, no século XVII; 14 palavras, ou 12%, no século XVIII; 27 palavras, ou 22%, no século XIX e somente duas palavras, ou 2%, no século XX. Mais da metade das palavras oxítonas de origem espanhola tem o *glide* [w] como elemento final. A consoante [s] e a vogal nasalizada [ĩ] vêm em segundo lugar, com cerca de 11% do total cada. As vogais médias não ocorrem como elementos finais em nenhum dado do DH. As médias-baixas [ɛ, ɔ] não ocorrem no espanhol, mas há vogais médias-altas na língua:

ELEMENTO FINAL	w	s	ĩ	i	/R/	ẽ	a	ã	u	õ	ũ	ɛ	ɔ	e	o	j
TOTAL 140	83	16	16	9	8	2	2	2	1	1	0	0	0	0	0	0

Em espanhol, o acento recai em uma das três sílabas finais da palavra. Em palavras terminadas em vogal ou em /s/, o acento costuma cair na penúltima sílaba. Em palavras terminadas em qualquer outra consoante, o acento tende a cair na última sílaba, o que mostra que a língua apresenta certa sensibilidade ao peso silábico. Sendo assim, as palavras terminadas em consoante que não /s/ já eram oxítonas em espanhol, como em “pilar”, do espanhol {pilar} e “dulçor”, de {dulzor} ant. (depois {dulzura}), der. do esp. {dulce ‘doce ao gosto’ (p. opos. a {amarus,a,um} ‘amargo’). Este é, portanto, somente o caso das palavras terminadas em /r/, como *condor* e *pilar*. No entanto, as palavras oxítonas em português vindas do espanhol terminadas em /s/ parecem ter quase sempre a consoante [θ] em coda e parecem ser oxítonas em espanhol. Alguns exemplos: *maís*, *convés*, *capuz* e *avestruz*. Novamente, percebemos a tendência do português em manter as palavras oxítonas com o mesmo acento da língua de origem.

4.4.8 Grego²⁶

Diferentemente do latim, o grego apresenta uma influência muito limitada, pelo menos no que diz respeito às palavras oxítonas, embora seu pico seja no século XIX. Portanto, as palavras oxítonas de origem grega entraram no português por vias eruditas. Os valores são: 3 palavras, ou 4%, no século XIII; uma palavra, ou 1%, no século XIV; 4 palavras, ou 6%, no século XV; nos séculos XVI e XVIII 9 palavras, ou 13%, em cada século; 28 palavras, ou 38%, no século XIX e 7 palavras, ou 10%, no século XX.

No grego antigo normalmente cada palavra tem apenas uma sílaba acentuada que era pronunciada com *pitch* mais alto do que das outras sílabas, diferentemente do grego moderno. O acento podia cair em qualquer mora da sílaba, se composta por vogais longas e ditongos. Ao mesmo tempo, o acento poderia cair em uma das três últimas sílabas da palavra e, caso a última sílaba contivesse uma vogal longa ou ditongo, poderia somente cair em uma das duas últimas sílabas.

As palavras oxítonas de origem grega são terminadas, em geral, em consoante ou em *glide*, sendo que o *glide* [ʷ] ocorre em cerca de 70% dos casos.

ELEMENTO FINAL	w	/R/	s	i	ε	õ	ã	j	u	ũ	ĩ	ɔ	ẽ	e	o	a
TOTAL 87	61	14	4	2	2	2	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Em relação às vogais, encontramos apenas 4 ocorrências, 2 delas com a vogal /ε/, que não está ocorre no grego: *arqué* e *koiné*. Nos dois casos, o elemento final encontrado na palavra original é a vogal /ε/, sofrendo alteração de altura no português. A presença das vogais nasalizadas é explicada pelo fato de uma consoante nasal em grego ser precedida de uma vogal.

No grupo das consoantes, /R/ é a mais frequente com 14 ocorrências, ao passo que a menos frequente é o /s/, com 4 ocorrências. Em geral, correspondem às terminações gregas: {ó} {r,oros} e {ê} {r,êros}. Em relação aos *glides*, apenas uma palavra termina com /j/ e 61 palavras terminam com o *glide* /ʷ/. Quando a palavra termina em “-eu” em português, tendo como elemento final o *glide* /ʷ/, 62%

das palavras originais em grego trazem a desinência {os,on}, como em “epigeu”: “gr. {epígeios,on} ‘terrestre, que está sobre o solo’” e 24% a desinência {ou}, como em “himeneu”: “gr. {huménaios, ou} ‘canto nupcial; matrimônio’.” As palavras terminadas em “-ão” trazem sempre um consoante nasal na sua desinência em grego, como na palavra “dragão”: “gr. {drák} {ó} {n,ontos} ‘dragão, serpente, espécie de peixe, dragão (símbolo militar em Roma), colar ou bracelete em forma de serpente, o Dragão (constelação), espécie de laço ou bandagem’.” Portanto, se o acento é sensível ao peso, a interpretação da duração e da intensidade vocálica explica a manutenção do acento.

4.4.9 Concani²⁷

A presença do concani nesta lista deve-se ao fato de sua influência no português de Goa. Historicamente, as palavras de origem concani são documentadas a partir do contato. Assim, há 7 palavras, ou 10%, nos séculos XVI e XVII, cada; 13 palavras, ou 19%, no século XVIII; 37 palavras, ou 55%, no século XIX; e 4 palavras, ou 6%, no século XX. O acento em concani cai em sílabas pesadas; em caso de palavras com sílabas de peso igual, o acento cai na sílaba final.

As vogais [i], [ɔ] e [ĩ] totalizam mais de 60% das ocorrências de elemento final nas oxítonas de origem concani:

ELEMENTO FINAL	i	ɔ	ĩ	w	/R/	u	a	ε	ẽ	ã	o	õ	j	ũ	e	s
TOTAL 78	21	21	10	7	7	3	3	2	2	2	1	1	1	0	0	0

Podemos observar que, das 78 palavras, apenas 4 terminam em consoante e 8 em *glide*. As 4 palavras terminadas na consoante [R] também têm essa consoante como elemento final na palavra em concani, sendo então uma sílaba pesada. O mesmo ocorre, em geral, com as palavras terminadas em vogal. Temos, por exemplo, *saranguí*: conc. {s} {á} {rang} {í} termina com vogal longa em concani, sendo, portanto, uma sílaba pesada e, portanto, oxítone. No caso das vogais nasalizadas, há sempre a presença de uma consoante nasal na coda da palavra em concani, fazendo com que a sílaba seja pesada. Dos oito exemplos com *glides*, apenas um termina em vogal em concani, todos

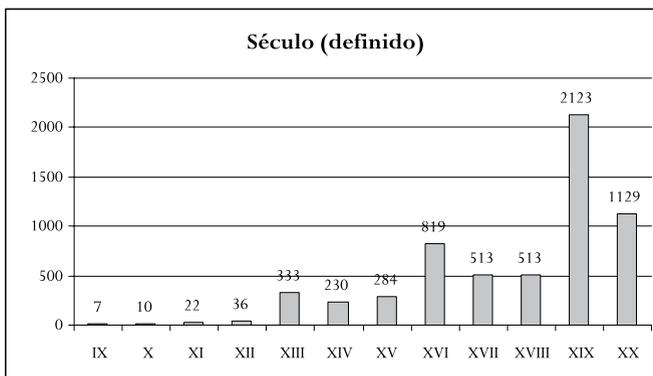
os outros terminam em alguma consoante que não é permitida em coda no português do Brasil, como, por exemplo, [v] em *adav* (forma portuguesa *adau*), do concani {á} {d} {á} {v} (sâns. {á} {d} {á} {na}) ‘ganho, lucro, receita’. Em *nanal*, do concani {nanat}, observamos um processo de lenição da consoante final [t] que não é permitida em coda em português.

É interessante observar o caso da palavra “nudá”. O DH afirma que, segundo Dalgado, houve erro duplo na transliteração dessa palavra do concani-marati, em primeiro lugar porque inverteram a posição dos fonemas da primeira sílaba {un-}> {nu-}, ou seja, uma metátese; em segundo lugar, porque a palavra não é oxítona na língua de origem, logo não deveria sê-lo em português. Essa colocação é pertinente, pois mostra que normalmente espera-se que a palavra já seja oxítona em sua língua de origem.

5 SÉCULO

As palavras com datação precisa entraram em maior número no século XIX, seguido pelo XX. Nos demais séculos, a entrada foi bem menor, como se pode observar no gráfico 1.

GRÁFICO 1 - DATAÇÃO DAS PALAVRAS OXÍTONAS



Assim, podemos observar que o pico de entrada de palavras oxítonas originárias do latim, do ‘tupi’, do francês, do grego, do concani

e do espanhol, que também tem pico no século XVI, é o mesmo, a saber, o século XIX. O iorubá e o inglês têm seu pico no século XX, enquanto o árabe e, novamente, o espanhol no século XVI. O pico geral das 6.019 palavras com datação (57% da lista-base) é no século XIX, com 2.123 palavras. Em seguida, vem o século XX, com 1.129 palavras, e finalmente o século XVI, com 819 palavras. As datas, porém, são muito imprecisas, pois a palavra podia estar sendo usada na língua falada muito antes de ser documentada. Além disso, há muitas datas como 1899, que aparece em 14,4% do total de entradas datadas, ou seja, 869 vezes, que remetem a publicações da época – neste caso à primeira edição, em dois volumes, do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, no ano 1899, de Cândido de Figueiredo, que possivelmente descreveu palavras já há muito tempo usadas no português. Portanto, é difícil estabelecer os séculos com maior entrada efetiva de oxítonas, já que, provavelmente, o século XIX teve uma incidência maior de documentação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos a qualidade das vogais finais das oxítonas do português (documentadas no DH) e constatamos que o *glide* [w], as vogais [i], [a] e [u] e a consoante /R/ são muito frequentes, enquanto as vogais nasalizadas [ũ], [ẽ] e [õ] e o *glide* [ɨ] são pouco frequentes. Os elementos [w], [i], [a] e [u] são os elementos finais em mais de 60% de todas as palavras oxítonas. Verificamos, também, se houve manutenção ou alteração do acento da palavra em cada uma das línguas-fontes das oxítonas. Esta análise foi feita a partir do estudo do sistema fonológico de cada uma das nove línguas-fontes majoritárias. Desta forma, pudemos então determinar como se deu a adaptação de algumas palavras para o português. Verificamos que há uma forte tendência na manutenção do acento. Assim, a maioria das palavras oxítonas em português já o era em sua língua de origem.

Em relação ao latim, pudemos afirmar que todas as palavras sofreram algum tipo de processo fonético/fonológico, já que não havia oxítonas nessa língua. As vogais nasalizadas podem ser explicadas pela coda preenchida por uma nasal em latim e pela nasalização da vogal na passagem da palavra para o português. Nas palavras terminadas em /w/, percebemos a queda da rima da sílaba final pós-tônica. Em relação

à consoante final /r/, observamos que a palavra deve ter entrado com a desinência e então sofrido perda da rima da última sílaba após um processo de ressilabificação. Nos casos com a consoante /s/, a consoante do ataque da última sílaba passa para a coda quando sua rima cai. Em relação ao ‘tupi’, todas as palavras terminadas em consoante, em *glide*, em vogal nasalizada e em [i] ou [u] já eram oxítonas, e, portanto, não sofreram mudança de acento. Muitas palavras terminadas em [w] sofrem ditongação e deslocamento de acento para o [u] final. As oxítonas terminadas em /a/ e [ɛ] ou [e] parecem ter sido oxítonas também em ‘tupi’. O restante das palavras manteve o acento oxítono do ‘tupi’.

As palavras do francês mantiveram seu acento em português, mesmo que, em alguns casos, a qualidade da vogal tenha mudado. Em relação ao árabe, é difícil saber o acento original da palavra, já que o DH não descreve o acento de palavra no árabe. No entanto, a presença de vogais nasalizadas pode ser explicada pela presença da coda preenchida por uma nasal em árabe e pela nasalização da vogal na passagem da palavra para o português. Podemos perceber a tendência do acento em ser mantido, já que sabemos que as palavras terminadas em consoante poderiam ser oxítonas em árabe devido ao peso da sílaba final. Todas as palavras oxítonas terminadas em *glide* originárias do árabe tinham alguma consoante em coda na palavra em árabe, geralmente uma nasal ou líquida. Em relação ao iorubá, as palavras terminadas em vogal, em geral, mantêm sua qualidade nas oxítonas em português.

As oxítonas terminadas em vogal nasalizada oriundas do inglês terminavam com consoante nasal em inglês. No entanto, a maior parte delas era paroxítona ou proparoxítona em inglês. Podemos supor que, quando entrou no português, a palavra foi reconhecida como oxítona devido à sílaba final pesada. Há também alguns casos de palavras terminadas em consoante nasal que já eram oxítonas em inglês. As palavras terminadas em *glide* [w] tinham, em geral, alguma consoante em coda como /l/ ou /N/. Finalmente, ocorre com as consoantes o mesmo que com as vogais nasalizadas: via de regra, as palavras originais em inglês terminam com consoante. Entretanto, novamente, a maior parte delas era paroxítona ou proparoxítona em inglês, como pode ser observado nos exemplos apresentados e nos da lista-base. O inglês é a língua que sofre consistentemente alteração de acento. Essa

mudança na posição do acento ainda precisa ser investigada de forma mais ampla.

Em espanhol, o acento ocorre em uma das três sílabas finais da palavra. Em palavras terminadas em vogal ou em /s/, o acento costuma cair na penúltima sílaba. Em palavras terminadas em qualquer outra consoante, o acento tende a cair na última sílaba, o que mostra que a língua apresenta certa sensibilidade ao peso silábico. Sendo assim, palavras terminadas em consoante que não /s/ já eram oxítonas em espanhol. Novamente percebemos uma tendência do português em manter as palavras oxítonas na língua de origem com o mesmo acento.

Em relação ao grego, constatamos que o DH muitas vezes não dá informação sobre o acento da palavra, dificultando a análise. A presença das vogais nasalizadas é explicada pelo fato de uma consoante nasal em grego ser precedida de uma vogal.

O acento em concani recai em sílabas pesadas; em caso de palavras com sílabas de peso igual, o acento cai na sílaba final. Tendo isso em mente, podemos observar que das 78 palavras, apenas 4 terminam em consoante e 8 em *glide*. As 4 palavras terminadas na consoante /R/ também têm essa consoante como elemento final na palavra em concani, sendo, portanto, uma sílaba pesada. No caso das vogais nasalizadas, há sempre a presença de um nasal na palavra em concani, sendo assim uma sílaba pesada. Dos 8 *glides*, apenas um termina em vogal em concani, todos os outros terminam em alguma consoante que não é permitida em coda no português do Brasil. Além disso, podemos dizer que há uma tendência de o acento se mover caso a palavra seja uma paroxítona ou proparoxítona terminada em sílaba pesada, em vogal nasalizada ou em /i/ na língua de origem.

Observamos que, em relação ao século, o latim, o ‘tupi’, o francês, o grego, o concani e o espanhol têm em comum o pico de entrada de palavras no século XIX, enquanto o iorubá e o inglês têm o pico no século XX. No entanto, apenas 57% das oxítonas têm o século definido e, além disso, há a questão da credibilidade das informações, como se discutiu anteriormente.

Este estudo nos permite lançar novas questões em relação às palavras oxítonas do português e deve ser entendido como uma investigação inicial para aumentar a compreensão do acento em português.

ABSTRACT

The aim of this paper is to investigate stress maintenance in a corpus of final stress words (also known as oxytone) in Portuguese. The corpus contains 10.494 noun words with final stress and their respective phonetic transcriptions from the *Houaiss Dictionary*. We argue that there is a tendency to keep the final stress as in their source language, especially Latin, ‘Tupi’, French, Arabic, Ioruba, English, Spanish, Greek and Concani. We also discuss the quality of the final element (if vowel, *glide* or consonant) and the connexion with the documented century of the lexical borrowing.

KEY WORDS: final stress, portuguese, phonology, oxytone.

NOTAS

- 1 Segundo Agostinho e Araujo (2007), o termo *tupi*, quando se refere a uma língua tupi, é comumente empregado de forma convencional, pois uma língua ‘tupi’, efetivamente, nunca existiu. A expressão ‘língua tupi’ refere-se ao dialeto unificado dos instrumentos linguísticos utilizados pelos jesuítas no Brasil Colônia, sem especificação das diferenças regionais, muito mais do que a uma língua específica. Cientificamente, emprega-se o termo *tupi* como denominação de um tronco linguístico, embora, nos círculos não científicos e paracientíficos, use-se o termo ‘tupi’ como designação de uma língua indígena brasileira (RODRIGUES, 1986). Apesar de o grupo de línguas tupi ser brasileiro, neste trabalho, as palavras nativizadas de origem ‘tupi’ e assemelhadas serão tratadas como se fossem de origem estrangeira.
- 2 Demais línguas: chinês, 37 palavras; *crioulo*, 36; japonês, 36; persa, 35; (de origem) banta, 34; quicongo, 31; sânscrito, 28; hebraico, 27; (de origem) africana, 24; indigenismo, 24; hindi, 22; alemão, 20; jeje, 18; concanimarata, 16; guarani, 16; provençal, 16; marata, 13; guzarate, 11; turco, 10; umbundo, 10; catalão, 8; hispano-americano, 8; neo-árabe, 8; russo, 7; (de origem) caribe, 6; tamil, 6; cariri, 5; asteca/náuatle, 4; cingalês, 4; hauçá, 4; hispano-árabe, 4; nheengatu, 4; bangali, 3; galibi, 3; germânico, 3; gótico, 3; malaio-javanês, 3; marata-concani, 3; qechua, 3; tamil-malaio, 3; (de origem) ameríndia, 2; arabismo africano, 2; basco, 2; birmanês, 2; dravídico, 2; espanhol platino, 2; frânco, 2; javanês, 2; kwa, 2; macua, 2; marata-guzarete, 2; mongol, 2; persa-árabe, 2; tapuio, 2; tupi-guarani, 2; (de origem) altaica, 1; amárico, 1; arabismo, 1; armênio, 1; aruaque, 1; (de origem) bengali, 1; berbere, 1; butanês, 1; (de origem) céltica, 1; (de origem)

cigana, 1; cigano, 1; concani-guzarati, 1; copta, 1; crioulo macaense, 1; dinamarquês, 1; divehi, 1; egípcio, 1; (de origem) escandinava, 1; fula, 1; galg, 1; ganguela, 1; havaiano, 1; hindi-persa, 1; húngaro, 1; indo-iraniano, 1; jê, 1; língua de Moçambique, 1; lun, 1; lutiazi, 1; malgaxe, 1; malinquê, 1; marata-hindustâni, 1; marati, 1; (de origem) moçárabe, 1; nupê, 1; occitano, 1; panjabi, 1; pareci, 1; purocoto, 1; semítica, 1; tagalog, 1; tsonga, 1; twi, 1; uigur, 1; vietnamita, 1; e xipaia, 1.

- 3 A origem ‘portuguesa’ deve-se ao fato de a palavra poder ser derivada de uma palavra portuguesa.
- 4 Embora as palavras de ‘origem indígena’ e ‘africanismos’ sejam significativos, estas palavras não foram analisadas neste trabalho uma vez que não foi possível especificar a origem.
- 5 Ver nota anterior.
- 6 Quando o número for zero, isso indica que não há nenhuma palavra oxítone terminada com este fonema nesta dada língua na lista-base, o que não quer dizer que a língua não possua este fonema. Esta discussão será retomada na análise do quadro fonológico dessas línguas.
- 7 LT: latim; TP: ‘tupi’; FR: francês; ARB: árabe; IRB: iorubá; ING: inglês; ESP: espanhol; CGR: grego; CON: concani.
- 8 Cf. Agostinho e Araujo (2007), para a lista completa das línguas.
- 9 É válido ressaltar que toda a classificação das línguas nos grupos acima citados foi feita através do próprio DH.
- 10 A saber: galg, luziati, malinquê, origem cigana e purocoto.
- 11 Foram colocadas em *outras* as línguas com menos de dez ocorrências, somando 3% dos dados, sendo elas: berbere, egípcio, fula, ganguela, hauçá, kwa, língua de Moçambique, lun, macua, malgaxe, nupê, tsonga e twi.
- 12 Um importante paralelo na classificação das palavras de origem africana é discutido por Petter (2002, 2003).
- 13 A seguir e alhures, quando mencionados, os exemplos retirados diretamente do DH terão a seguinte apresentação: (verbeta em itálico) *abati*: (seguido pela língua de origem) ‘tupi’ (transliteração, dentro de chaves, com apóstrofo precedendo a sílaba tônica) {awa’ti} (significado na língua original, entre aspas simples) ‘milho, arroz, trigo’.
- 14 Foram colocadas em *outras* as línguas com menos de 8 ocorrências, somando 1% dos dados. São elas: catalão, espanhol platino, franco, hispano-americano, hispano-árabe e occitano.

- 15 Foram colocadas em *outras* as línguas com menos de 12 ocorrências, somando 12% dos dados. São elas: amárico, arabismo, arabismo africano, armênio, bangali, butanês, cingalês, concani-guzarati, copta, crioulo macaense, divehi, dravídico, guzarete, hindi-persa, indo-ariano, javanês, malaio-javanes, marata-concani, marata-guzarete, marata-hindustâni, marati, neo-árigo, origem bengala, origem moçárabe, panjabi, persa-árabe, semítica, tagalog, tamil, tamil-malaio e uigur.
- 16 Ademais, 14,4% do total de entradas datadas são de palavras cuja datação é 1899, que aparece em 869 vezes (incluindo palavras do latim e de outras línguas). Nesse caso, a fonte empregada no DH é a primeira edição (em dois volumes) do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo. Portanto, reconhecemos que a datação dos dicionários etimológicos apresenta certos problemas.
- 17 As informações sobre o latim foram retiradas de Williams (1975).
- 18 Ressaltamos que esta afirmação só poderia ser feita categoricamente caso cada uma das palavras fosse analisada, pois não há como saber seu percurso através apenas destes dados. É possível que alguma palavra não oxítone em ‘tupi’ originasse uma palavra oxítone em português, mas a tarefa de análise de cada uma destas palavras não poderia ser feita neste espaço.
- 19 Das onze palavras, duas não possuem etimologia precisa. A etimologia de “tucanivar” é dada somente como “tupi” e a de “aracambus” como “tupi, mas de étimo obscuro”.
- 20 As informações sobre o francês foram retiradas de Schane (1968) e de Peytard e Genouvrier (1970).
- 21 As informações sobre o árabe foram retiradas de Watson (2002).
- 22 As informações sobre o iorubá foram tiradas de Bamgbose (1969).
- 23 As informações sobre o inglês foram retiradas de Jensen (1993).
- 24 A palavra *dedetê* (5% restantes do total) é a leitura em português de uma sigla inglesa.
- 25 As informações sobre o espanhol foram retiradas de Campos e Martinez-Gil (1991).
- 26 As informações sobre o grego foram retiradas de Morwood (2001) e Garino e Ubaldi (1946).
- 27 As informações sobre o concani foram retiradas de Menezes (2008).

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Ana Livia. *Primeiro Relatório do Projeto Palavras Oxítonas em Português*. FFLCH-USP, 2007a. Texto inédito.
- AGOSTINHO, Ana Livia. *Segundo Relatório do Projeto Palavras Oxítonas em Português*. FFLCH-USP, 2007b. Texto inédito.
- AGOSTINHO, Ana Livia. *Terceiro Relatório do Projeto Palavras Oxítonas em Português*. FFLCH-USP, 2008. Texto inédito.
- AGOSTINHO, Ana Livia; ARAUJO, Gabriel Antunes. Um estudo estatístico sobre as oxítonas no português. *Signótica*, v. 19, n. 2, p. 177-208, 2007.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio; OLIVEIRA, Leonardo Couto de; VIARO, Mário Eduardo. Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 50, n. 1, p. 69-90, 2008.
- BAMGBOSE, A. Yoruba. In: DUNSTAN, Elizabeth (Ed.). *Twelve Nigerian Languages*. New York: Africana Publishing Corp, 1969.
- CAMPOS, Héctor; MARTINEZ-GIL, Fernando (Org.). *Current studies in Spanish linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1991.
- COLLINSCHONN, Gisela. O acento em português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- GARINO, G.; UBALDI, P. *Grammatica grega*. Milano: Torino, 1946.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- JENSEN, John T. *English phonology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 1993.
- MENEZES, Caroline. *The question of Konkani? Project D2: Typology of Information Structure*. Tokyo: The National Institute for Japanese language, 2008.
- MORWOOD, James. *Oxford grammar of classical Greek*. New York: Oxford University Press, 2001.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- PARADIS, Carole; LABEL, Caroline. Contrasts from segmental parameter settings in loanwords: core and periphery in Quebec French. *Proceedings of the Mot*

Conference on Contrasts in Phonology. Toronto Working Papers in Linguistics, v. 13, p. 75-94, 1994.

PETTER, Margarida. Africanismos no dicionário Aurélio século XXI. *Estudos Linguísticos*, v. XXXI, p. 76-81, 2002.

PETTER, Margarida. Palavras de origem africana nos dicionários Houaiss e Novo Aurélio. *Papia*, v. 11, p. 107-114, 2003.

PEYTARD, J.; GENOUVRIER, É. *Linguistique et enseignement du français*. Paris: Librairie Larousse, 1970.

RODRIGUES, Aryon. *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1986.

SANDALO, Filomena. *Acento e sonoridade*. Artigo apresentado na reunião da Abralín, Florianópolis, 1999.

SCHANE, Sanford. *French phonology and morphology*. Cambridge: MIT Press, 1968.

SILVA, R. V. M. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIARO, Mário Eduardo; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio. Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas do português. *Anais do LIV Seminário do GEL*. Araraquara, 2006.

WATSON, Janet. *The phonology and morphology of Arabic*. New York: Oxford University Press, 2002.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.